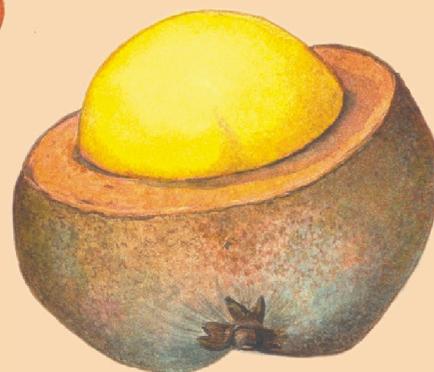




Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica

Editores: Patricia Shanley • Gabriel Medina



Ilustradores
Silvia Cordeiro • Miguel Imbiriba

Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica

Editores

Patricia Shanley
Gabriel Medina

Ilustradores

Silvia Cordeiro
Miguel Imbiriba

Edição

Patricia Shanley
Gabriel Medina

Ilustração Botânica

Silvia Cordeiro
Antônio Valente da Silva
Bee Gunn

Desenho

Miguel Imbiriba
Fábio Strympl
Dadi Sungkowo

Revisão

Tatiana Corrêa Veríssimo

Editoração

Israel Gutemberg
Jânio Veríssimo
Widya Prajanthi

Impressão

Gráfica Supercorres

Apoio

Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica recebeu apoio institucional do Centro para a Pesquisa Florestal Internacional (CIFOR), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon). A pesquisa contou com o apoio generoso da Overbrook Foundation, European Commission, International Development Research Center e Governo do Acre.

A concepção e parte dos capítulos deste livro são baseadas no livro *Frutíferas da Mata na Vida Amazônica*, publicado em 1998. Esse trabalho inicial teve apoio do The Woods Hole Research Center, Usaid, International Center for Research on Women, Earth Love Fund, Rainforest Alliance e IUCN Netherlands.

S 524f Shanley, Patricia

Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica. Patricia Shanley, Gabriel Medina; ilustrado por Silvia Cordeiro, Antônio Valente, Bee Gunn, Miguel Imbiriba, Fábio Strympl. Belém: CIFOR, Imazon, 2005.

300 p. il.

Inclui bibliografia e índice

ISBN 85-88808-02-1

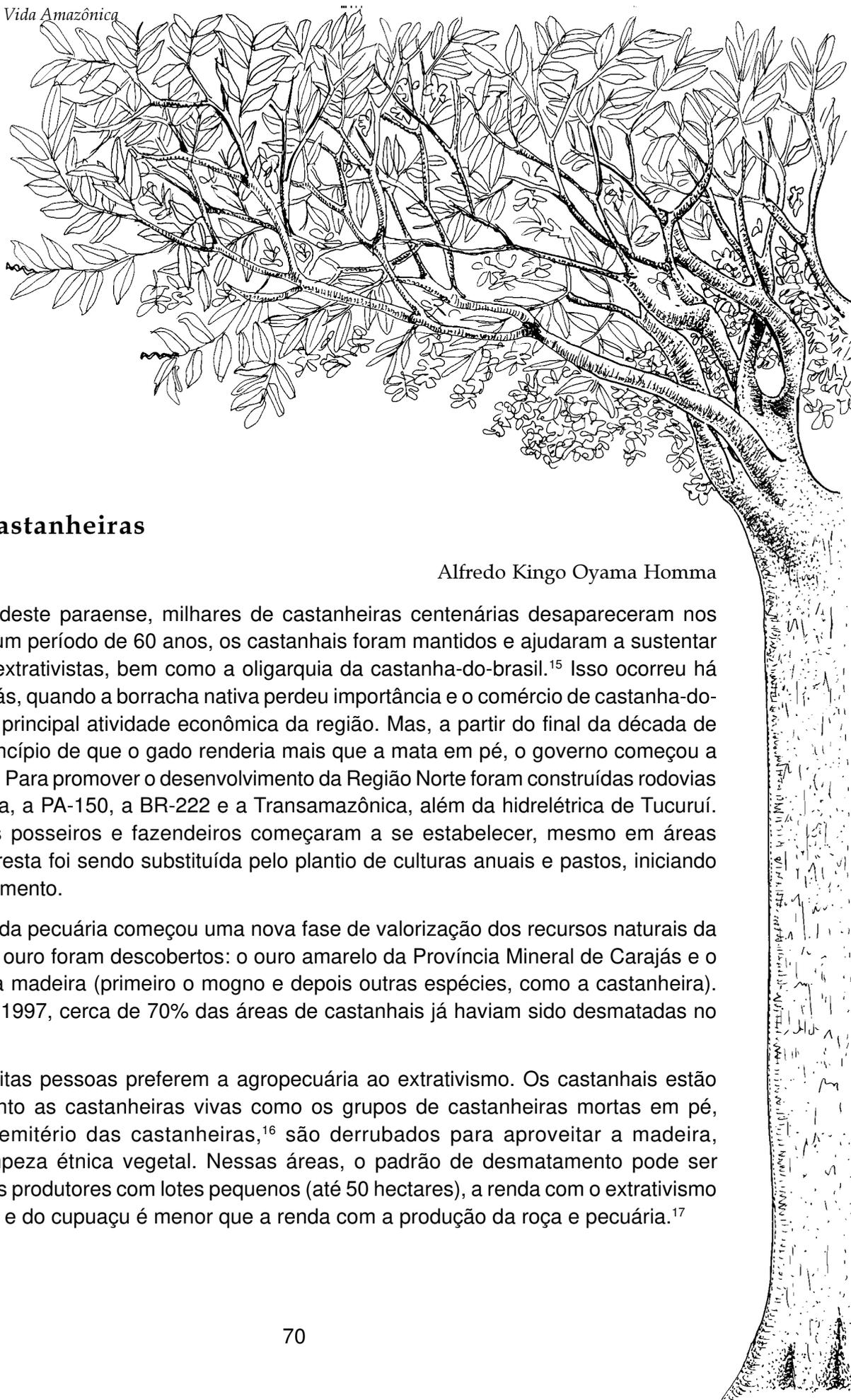
1. Produtos florestais não-madeireiros. 2. Conhecimento tradicional. 3. Educação ambiental. 4. Floresta amazônica. I. Shanley, Patricia. II. Medina, Gabriel. III. Título

CDD: 581.509

Copyright © by CIFOR & Imazon



Este livro pode ser livremente copiado para fins educativos não-comerciais.



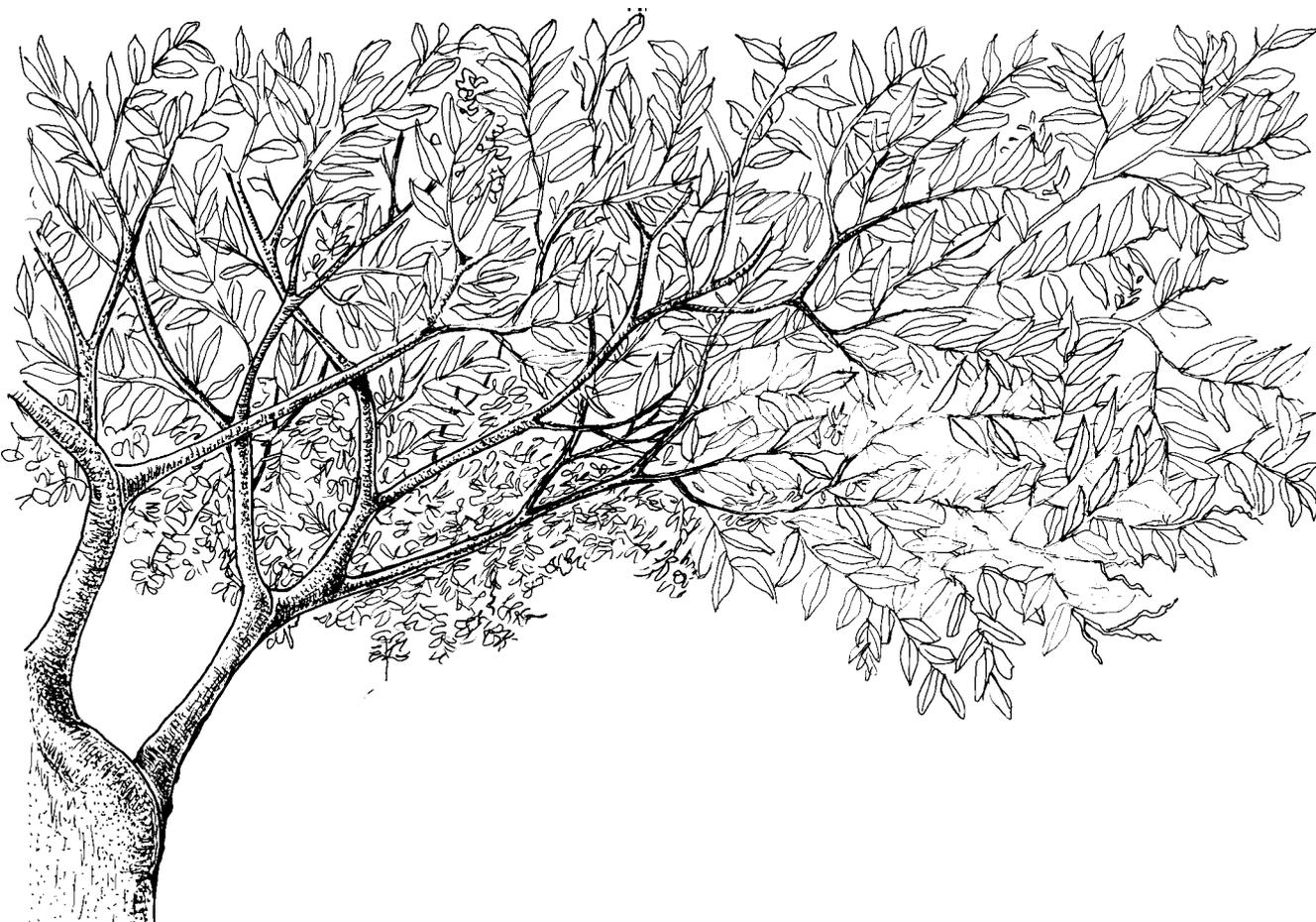
Cemitério de castanheiras

Alfredo Kingo Oyama Homma

Em Marabá, sudeste paraense, milhares de castanheiras centenárias desapareceram nos últimos 30 anos. Em um período de 60 anos, os castanhais foram mantidos e ajudaram a sustentar milhares de famílias extrativistas, bem como a oligarquia da castanha-do-brasil.¹⁵ Isso ocorreu há cerca de 100 anos atrás, quando a borracha nativa perdeu importância e o comércio de castanha-do-brasil passou a ser a principal atividade econômica da região. Mas, a partir do final da década de 1960, baseado no princípio de que o gado renderia mais que a mata em pé, o governo começou a apoiar a agropecuária. Para promover o desenvolvimento da Região Norte foram construídas rodovias como a Belém-Brasília, a PA-150, a BR-222 e a Transamazônica, além da hidrelétrica de Tucuruí. Nessa época, muitos posseiros e fazendeiros começaram a se estabelecer, mesmo em áreas remotas. Assim, a floresta foi sendo substituída pelo plantio de culturas anuais e pastos, iniciando uma onda de desmatamento.

Depois do ciclo da pecuária começou uma nova fase de valorização dos recursos naturais da região – dois tipos de ouro foram descobertos: o ouro amarelo da Província Mineral de Carajás e o ouro verde, ou seja, a madeira (primeiro o mogno e depois outras espécies, como a castanheira). Como resultado, até 1997, cerca de 70% das áreas de castanhais já haviam sido desmatadas no sudeste paraense.

Atualmente, muitas pessoas preferem a agropecuária ao extrativismo. Os castanhais estão desaparecendo e, tanto as castanheiras vivas como os grupos de castanheiras mortas em pé, conhecidos como “cemitério das castanheiras,¹⁶ são derrubados para aproveitar a madeira, promovendo uma limpeza étnica vegetal. Nessas áreas, o padrão de desmatamento pode ser explicado, pois para os produtores com lotes pequenos (até 50 hectares), a renda com o extrativismo de castanha-do-brasil e do cupuaçu é menor que a renda com a produção da roça e pecuária.¹⁷



A destruição dos castanhais no sudeste paraense ilustra o conflito de políticas públicas. Antigamente, os colonos tinham áreas maiores e conseguiam plantar em uma parte do lote e conservar os castanhais em outra. Hoje, eles precisam derrubar tudo. Quando a fertilidade do solo e os estoques de recursos florestais acabam, eles são obrigados a abandonar o lote em busca de um novo local.

